

Jodi Ellen Malpas

O Protector

Tradução

Mário Dias Correia



Para o meu pai... o meu eterno protector

Agradecimentos

São tantas as pessoas a que tenho de agradecer que me pergunto sempre se não estarão fartos de ouvir a mesma litania. Mas para o caso de não estarem, às minhas equipas aqui no Reino Unido e do outro lado do mar, na América, obrigada por continuarem a ser um apoio constante na minha carreira. Sou uma rapariga cheia de sorte por vos ter a todos comigo.

Há uma pessoa que tenho de destacar – alguém que significa muito para mim, e não só no aspecto profissional. A minha agente, Andrea Barzvi. Conhecemo-nos há já mais de três anos, quando eu não sabia nada de nada a respeito do mundo editorial e fui apanhada no turbilhão de *O Amante*. Continuo a saber muito pouco, mas ter a Andrea a meu lado torna esta viagem de montanha-russa mais excitante do que assustadora. É um autêntico tesouro e todos os dias agradeço à minha estrela da sorte por ela me ter encontrado. Obrigada, Andy, por tudo o que tens feito, profissionalmente e mais além.

Por fim, a todos vocês, espantosos *bloggers* e leitores de todo o planeta. Obrigada por me terem acolhido no vosso mundo *on line* e terem ficado para ver até onde me leva a minha jornada como escritora. Espero que gostem do meu novo homem, Jake.

Capítulo 1

Jake

Os olhos dele, muito abertos e aterrorizados, erguem-se para mim, o corpo imobilizado debaixo do meu. O calor, o pó, o som de gritos à minha volta... tudo isto torna quase impossível concentrar-me. Mas tenho de me concentrar. Pisco os olhos e mudo de posição para o manter seguro, empurro-o contra o cascalho e a terra. Não devia estar aqui. Devia estar fora das vistas, nas colinas circundantes, escondido entre o mato rasteiro e as rochas. A ameaça desconhecida, invisível.

O homem que estou a imobilizar é magro e subalimentado, tem o branco dos olhos manchado de amarelo. Este sacana fanatizado abateu dois dos meus camaradas. A dor intensa no ombro lembra-me que pouco faltou para que me abatesse também a mim. Devia ter mantido a minha posição. Lixei tudo. Uma necessidade estúpida e egoísta de fazer chover o fogo do inferno sobre aqueles cabrões de merda resultou na morte de dois soldados. Eu é que devia estar estendido e morto ali no pó a poucos metros de distância. Mereci-o.

O coração dele bate muito depressa por trás do fino tecido da T-shirt imunda. Sinto as pancadas no peito, mesmo através das camadas de roupa e do colete à prova de bala. Mas o brilho mau nos olhos vítreos continua lá enquanto murmura qualquer coisa numa língua que não compreendo.

Está a rezar.

Bem pode.

– Encontramo-nos no inferno.

Aperto o gatilho e estouro-lhe a cabeça.



Sento-me direito na cama, a transpirar e a arquejar, o fino lençol a colar-se a todas as partes do meu corpo em que tocam.

– Filho-da-puta – ofego, a deixar que os meus olhos se adaptem à claridade do início da manhã e me permitam ver da janela panorâmica do quarto a escura silhueta dos telhados de Londres. São seis horas. Sei sem necessidade de olhar para o relógio em cima da mesa-de-cabeceira, e não é só o sol-nascente que mo diz. O despertador que explode dentro da minha cabeça à mesma hora todos os dias é tanto um fardo como uma bênção.

Rodo as pernas por cima da beira do colchão e peço no telemóvel. Não fico surpreendido ao ver que não há mensagens nem chamadas não atendidas.

– Bom dia, mundo – murmuro, e volto a atirar o telemóvel para a mesa-de-cabeceira antes de esticar os braços para o tecto, a distender os músculos tensos. Rolo os ombros e encho os pulmões de ar antes de o expelir pelo nariz, num fluxo lento. Inclino-me para a frente, apoio os cotovelos nos joelhos e olho para a cidade. Empurro o pesadelo para um canto seguro da mente enquanto respiro devagar. Inspirar, expirar. Inspirar, expirar. Inspirar, expirar. Fecho os olhos e agradeço o poder da serenidade forjada. Sou mestre na matéria.

Mas então os meus músculos voltam a ficar tensos quando sinto a cama mexer-se. Enfio a mão debaixo do colchão e tiro de lá a minha VP9 ainda antes de o cérebro ter dado a ordem.

Impulso.

A arma está apontada para o alvo antes que os meus olhos se foquem.

Instinto.

Estou de pé, nu como no dia em que vim ao mundo, os braços esticados à frente do corpo. A semiautomática de 9 mm encaixa demasiado bem na minha mão.

– HmMMM.

O suave ronronar penetra a minha consciência e observo o emaranhado de membros compridos e nus em cima da cama. O meu cérebro rebobina e leva-me de volta ao bar onde aterrei ontem à noite. Faço desaparecer a arma à velocidade da luz, uma fracção de segundo antes de ela abrir os olhos com um adejar de pestanas. Sorri, preguiçosa, e estica o corpo esbelto e firme, num movimento calculado para me pôr a boca a salivar e o pénis a latejar de desejo.

Azar dela. Só há uma coisa na minha cabeça. E não é fodê-la.

– Volta para a cama – sussurra, a percorrer com um olhar lascivo o meu metro e noventa e três enquanto soergue o tronco apoiada no cotovelo, o queixo na palma da mão e os dedos a tamborilar a pele suave da face.

Não lhe dou a atenção que exige. Antecipo uma mulher muito desapontada no horizonte. Mesma cena, dia diferente.

Afasto-me, a sentir nas costas as punhaladas de um olhar furioso.

– Lamento, tenho que fazer – digo num tom seco por cima do ombro, sem lhe dar o privilégio da minha atenção enquanto falo. Não tenho tempo para isto. – Podes comer uma banana antes de sair.

Entro na casa de banho. As janelas do chão ao tecto em duas paredes dão-me uma visão de cento e oitenta graus da cidade, mas a única coisa que consigo ver é a minha cara emaciada no espelho. Suspiro e apoio uma das mãos na beira do lavatório enquanto abro a torneira e contemplo o meu lamentável reflexo. Estou uma merda e sinto-me uma merda. Porra para o *Jack Daniel's*. Passo a palma da mão pelo queixo áspero e ouço um «És um sacana de merda» acompanhado pelos sons inconfundíveis de uma

mulher nua a entrar na casa de banho. Tenho de concordar. *Sou* um sacana. Um sacana tarado e vingativo. Quem me dera poder deixar-me invadir pela paz e pelo sossego, mas na *minha* vida não há paz. Vejo as caras deles sempre que fecho os olhos. Danny. Mike. Eram como irmãos, e mesmo passados quatro anos sei que morreram por minha culpa. Por culpa da minha estupidez. Do meu egoísmo. Não há fuga. Só distração. Trabalho, bebida, sexo. É tudo o que tenho. E sem uma missão de momento, estou reduzido a bebida e sexo.

Lanço um olhar cansado para lá do meu reflexo no espelho e vejo a expressão ofendida que sabia ir encontrar. Mas também lá há desejo. Os seios arrebitados são rematados por mamilos rijos e os olhos furiosos continuam a devorar-me. Volto a cabeça para o lado e espero que o olhar lascivo dela encontre o meu. Entreabre os lábios. O meu pénis permanece flácido. Nem uma erecção matinal.

– Fecha a porta quando saíres – digo, sem lhe dar nada excepto uma expressão vazia para acompanhar a seca ordem. E então vejo-a. A determinação.

Lá vamos nós, murmuro para mim mesmo enquanto me afasto do lavatório e me endireito, a preparar-me.

Avança para mim, a mão a contrair-se e a carregar pelo caminho.

– Filho-da-mãe!

Bate-me na cara. E eu deixo-a, a cerrar os dentes e a esperar que o ardor passe antes de rodar o pescoço e abrir os olhos.

– A porta é para aquele lado – digo, e aponto com a mão por cima do ombro dela.

Ficamos a olhar um para o outro por alguns instantes – ela confusa, talvez a pensar na boa foda que lhe dei ontem à noite, eu impassível, a desejar que ela desapareça de uma vez por todas e me deixe retomar o meu dia.

– Obrigada pela hospitalidade – atira-me antes de fazer finalmente meia volta e afastar-se.

Momentos mais tarde, a porta bate com tanta força que as paredes vibram, e eu volto ao espelho e pego na escova de dentes. Lavo os dentes, enfio uns calções e uns ténis e saio para a rua.



O ar da manhã sabe bem. Encaminho-me para os parques, a ouvir os sons calmantes de Londres ao nascer do dia, o trânsito escasso, as aves, o ruído de outros pés que correm a bater no passeio. Tudo tem o efeito calmante de que preciso para começar bem o dia. O orvalho ainda molha a relva e uma bruma húmida cola-se-me ao tronco nu enquanto corro pelo trilho. As minhas pernas começam a ficar entorpecidas. Como eu gosto.

Continuo focado em frente, em piloto automático, como se já tivesse feito este caminho um milhão de vezes. Se calhar fiz. Os mesmos rostos, sobretudo mulheres, todas a sorrir esperançosas quando me vêem aproximar, as costas mais direitas, a respiração a ganhar de repente uma normalidade forçada. Talvez seja hoje que paro para dizer olá, ou talvez até lhes faça um breve sorriso ao passar por elas. Como disse, grande desapontamento. Todas elas são apenas mais um rosto num mar de rostos sem significado, seres humanos no meu caminho. Contorno-as uma a uma com ligeireza, o meu corpo a funcionar de forma automática para evitar colisões.

Ao cabo de meia hora, a minha mente começa a clarear e o suor drena-me o álcool do organismo. Sai-me todo do corpo ao longo dos dois últimos quilómetros de corrida até que os pulmões me começam a arder de necessidade.

Feito.

Abrando o passo e detenho-me em frente do Nero's Café. Olho para o céu. Faço a mim mesmo um aceno de aprovação. 7 h 20 m em ponto. Empurro a porta, pego num guardanapo de papel e limpo o suor da testa enquanto me dirijo ao balcão. Deito a mão a uma garrafa de água ao passar pelo frigorífico, abro-a e despejo-a

de um longo trago antes de chegar em frente da empregada, que já marcou o preço na caixa registradora antes de eu ter tempo de meter a mão no bolso e tirar uma nota.

– O seu café está a sair – diz-me, e lança um rápido olhar por cima do ombro enquanto fala.

– Obrigado – murmuro, e atiro a garrafa vazia para o outro lado do café. Acerto em cheio no caixote de lixo. Quando torno a voltar-me para a empregada, o café já está em cima do balcão.

É todos os dias o mesmo. Pego no café e saio.

O trânsito começa a adensar enquanto desço Berkeley Street e levanto o jornal no meu fornecedor de sempre. Tem-no na mão e estende-mo quando me aproximo, com um sorriso amistoso.

– Esta manhã veio mais cedo.

Assinto com a cabeça e entrego-lhe uma nota de libra antes de passar os olhos pela primeira página. A fúria sobe-me dos pés mal vejo o cabeçalho.

19 MORTOS NA TURQUIA DEPOIS DE TIROTEIO NUMA ESTÂNCIA TURÍSTICA

– Filhos-da-puta.

Engulo a fúria, e a impotência, e continuo a ler. Foram feitas evacuações, os turistas são aconselhados a evitar o país. A Turquia foi acrescentada à lista de zonas vermelhas. O mundo inteiro é uma porra de uma zona vermelha, nos dias que correm. Dobro o jornal e atiro-o para um caixote de lixo, sem parar. Não sei por que faço isto a mim mesmo. Não há nada que possa fazer para ajudar. Já não há. Não sou necessário. Nem desejado. O meu acesso de loucura destrutiva no Afeganistão encarregou-se disso. As caras dos meus camaradas, meus amigos, começam a abrir brechas no muro defensivo que ergui à volta da mente. Caras felizes. Caras mortas. Reprimo a recordação, afasto-a à força antes que consiga firmar-se. Preciso de mais uma porra de uma corrida de quinze quilómetros.



Abro o duche e deixo a água correr à temperatura que está. Fria como merda. Balas de gelo atingem-me de quatro direcções, certificando-se de que todo o meu corpo sofre o devido castigo. Sabe bem. Real. Inclino a cabeça para trás, para deixar a água bater-me na cara, enquanto penso no que tenho de fazer hoje. Limpar a minha arma... pela quarta vez esta semana. Ver os *e-mails*. Talvez ligar à Abbie.

A última tarefa tem estado na minha lista todos os dias dos últimos quatro anos. E continua por cumprir. Só ligar-lhe. Dizer-lhe que estou vivo. Ela não precisa de mais. Mas não consigo resolver-me a voltar ao passado. Respiro mais devagar, deixo pender a cabeça. Tiros, explosões, gritos.

E-mails!

Esfrego a cara com as mãos, a arrancar-me da beira de um ataque de ansiedade, e pego no gel de banho. Tenho de seguir em frente com o meu dia. Depois de me lavar e de enrolar uma toalha à volta da cintura, tiro da prateleira o frasco de comprimidos e engulo um antes de atravessar descalço o espaço aberto do apartamento até à janela panorâmica onde está a secretária. Sento-me no enorme cadeirão de couro preto, ligo o computador e fico olhar para a cidade enquanto espero que arranque, recostado para trás, a pensar.

Manda-lhe um sms. Para dizer que estou vivo. A minha patética realidade arranca-me um riso frio, entredentes. A Abbie é talvez a única pessoa em todo o mundo que quer saber se estou morto ou vivo. Ou talvez já não queira. Sou só eu. Sem família. Sem amigos. Sem pais.

A partir do momento em que a minha mãe e o meu pai foram mortos no voo 103 da Pan Am, passei a ter um propósito. Guerra. Tinha sete anos. Não compreendia muito bem o que tinha acontecido, mas sabia que havia no mundo pessoas más e que era preciso travá-las. A ardente necessidade de combater o mal foi

crescendo ao mesmo tempo que eu. A minha avó tomou conta de mim até que a idade a levou. E então já não havia ninguém que se preocupasse comigo. Podia alistar-me e fazer a minha parte. Tudo o que pudesse para ajudar.

A minha habilidade como atirador não tardou a ser notada. Tiraram-me das fileiras e deram-me uma espingarda. Nem olhei para trás. Apontava, disparava, acertava. Sempre, e sempre que o fazia experimentava a sensação de ter conseguido qualquer coisa. Porque havia no mundo menos um filho-da-puta perigoso com que nos preocuparmos.

Ding!

O sinal de chegada de um *e-mail* arranca-me aos meus pensamentos. *Olá, boneca*, digo para mim mesmo ao ver o nome dela no monitor. De repente, estou cheio de esperança. Duas semanas sem qualquer missão. Duas semanas sem nada que fazer senão beber, fornicar e esforçar-me por manter os fantasmas à distância.

Como sempre, e como é típico da Lucinda, a mensagem é curta e directa ao assunto... sem dúvida a razão pela qual ela é única mulher no mundo de que gosto de verdade.

Mas o meu sorriso satisfeito vai-se esfumando à medida que leio.

CLIENTE: Trevor Logan – homem de negócios e proprietário.

SUJEITO: Camille Logan – filha mais nova do cliente e única rapariga.

MISSÃO: Vigiar

DURAÇÃO: Indefinida

VALOR: £100K p/s

Recosto-me no cadeirão com as pontas dos dedos juntas em frente da boca. Cem mil por semana? Tem de haver aqui uma marosca qualquer. Uma missão de vigia? Há muito que não me toca uma dessas e não sei se será boa ideia nesta altura pela única razão de se tratar da filha de Trevor Logan – um homem de

negócios implacável que espezinhou tudo e todos para chegar ao topo. Vi-o nos jornais, mais recentemente numa batalha judicial em que foi acusado de suprimir um accionista minoritário de uma empresa de que comprou a maior parte. Ganhou, claro. Ganha sempre. O homem é um hipócrita insuportável com ares de santarrão e não tenho motivos para imaginar que a filha seja diferente. A Lucinda deve ter tido isto em conta.

Mesmo assim, não consigo perceber. Ela conhece o meu passado. Os horrores, todos os pequenos pormenores. Este género de trabalho exigiria uma vigilância constante, transformar-me numa autêntica sombra. E por uma mulher assim? Nem pensar. Acabava por estrangulá-la... ou coisa pior: a recordação constante de uma outra mulher que tinha as mesmas qualidades iria acelerar os *flashbacks*.

Refreio os meus pensamentos e meto-os na ordem antes que partam à desfilada.

Não. Não posso. Nem mesmo por aquela pipa de massa.

– E eu que começava a gostar de ti, Lucinda – resmungo entredentes enquanto começo a compor uma resposta.

Ela deve saber que ando meio perdido sem ter nada em que me concentrar. Beber e foder estão a perder a graça ao cabo de semanas a fazer ambas as coisas sem uma missão em que me concentrar, mas enviar-me uma oferta destas é estupidez pura e simples. Estará a tentar liquidar-me? Preparo-me para clicar em «Enviar» quando olho para a barra de procura do Google.

– Foda-se – rosno, enquanto escrevo algumas palavras naquele espaço vazio que pede para ser preenchido.

Detesto no mesmo instante aquilo que vejo. Uma mulher – talvez a meio da casa dos vinte, com umas belas pernas e um sorriso perigosamente tentador. Os compridos cabelos louros apanhados numa trança estão atirados por cima do ombro. Bebe champanhe, numa festa, rodeada por homens babados.

Não estava enganado. Este é o pior género de mulher possível com a qual não devo em circunstância alguma envolver-me mais

do que o tempo necessário para a foder até lhe fritar os miolos. No entanto, quando devia estar a fechar a janela e voltar à minha resposta à Lucinda e teclar «Enviar», dou por mim, sem me aperceber, a clicar em «mais imagens». Passo por dezenas de fotografias, algumas dela a sair de clubes, outras em festas, outras a caminhar por uma rua de Londres carregada de sacos de compras. Depois há as fotos profissionais, quase todas para marcas e *designers* de moda. Franço a testa quando a Wikipedia aparece no ecrã. Tem uma porra de uma página na Wikipedia? Suspiro, mas mesmo assim clico no *link* para ler.

Camille Logan, filha mais nova do magnata Trevor Logan e *socialite* famosa. Nascida a 29 de Junho de 1991, Camille estudou moda durante algum tempo no London College antes de ser descoberta pela Elite Models. Vive no centro de Londres e é uma presença habitual no circuito social. Ligações românticas incluem Sebastian Peters, herdeiro da Peters Communications. Camille exhibe as medidas típicas de uma modelo: 1,73 m de altura, *soutien* 30C, altura da face interior da perna 86 cm, cintura 63 cm. Cabelos louros, olhos azuis. Depois de uma tempestuosa ruptura com Peters no ano passado, Camille passou por um internamento voluntário na Priory Clinic para tratar uma adicção à cocaína. Desde então, retomou a carreira de modelo e representa marcas como Karl Lagerfeld, Gucci e Hugo Boss.

Deixo-me cair mais uma vez contra o encosto do cadeirão, chocado. *Dão as medidas dela?* Incrédulo, volto ao *e-mail* e acrescento um P. S.

Nem num milhão de anos. Passo.

Não acrescento *obrigado*. A Lucinda deve ter enlouquecido. E, com esta, fecho computador com uma palmada.



Faço rodar o líquido ambarino no copo, a ver a bebida deixar uma película brilhante na face interior do vidro. Em quantos já vou esta noite? Dez? Onze? Sopro pela boca, despejo-o de um trago e bato com o copo vazio no tampo do balcão. O *barman* volta a enchê-lo no mesmo instante e faço-lhe um aceno de agradecimento, com os cotovelos apoiados no balcão. Estou consciente dos olhares que as mulheres que aqui estão lançam na minha direcção, todas desejosas que erga a cabeça para me captarem o olhar. Mas se dou a qualquer delas uma pontinha que seja de atenção, a noite vai acabar como quase todas nos últimos tempos. Uma foda, um adeus e uma estalada. E toca o mesmo. Esta noite só uma bebida. Só uma bebida.

Enfio os nós dos dedos nas órbitas e esfrego com força. Na ausência de qualquer coisa que me distraia, seja uma missão ou uma mulher para levar para a cama, a batalha para impedir a minha mente de divagar para lugares passados e escuros está condenada ao fracasso. Começam a perpassar-me caras pela cabeça, caras que me assombram, implacáveis. Explosões abalam-me o cérebro e o meu coração começa a bater mais depressa.

– Cabrão de merda – rosno entredentes, ergo a cabeça e vejo uma mulher a bater-me as pestanas do outro lado do bar. É uma trégua da minha tortura pessoal que vou aceitar, mas quando estou a levantar-me do banco para ir até lá, o estrépito de um copo a estilhaçar-se faz-me agarrar ao balcão para me equilibrar. Tenho o coração na garganta, a minha mente a correr, frenética, por cenas familiares. Janelas que explodem, rebentamentos de fogo inimigo, gritos de medo. Tento acalmar-me, os olhos a passarem em redor numa tentativa de lembrar a mim mesmo onde estou. O *barman* pragueja. Olho para ele e vejo-o de olhos fixos no monte de cacos de vidro a seus pés.

– Viva, bonito.

Volto-me e descubro a mulher que estava do outro lado do bar, com um sorriso sedutor nos lábios. A ideia de que podia pegar nela, arrastá-la até ao meu apartamento e fodê-la até o meu coração bater mais depressa por uma razão diferente não me acalma como deveria.

Não vejo a cara dela. Só vejo o meu passado. Isto não vai resultar.

Levo a mão ao bolso interior do casaco, tiro de lá o frasco de comprimidos e desenroscro a tampa enquanto saio do bar. Preciso de qualquer coisa em que me concentrar, e depressa. Os *flash-backs* estão a tornar-se cada vez mais frequentes e os comprimidos menos eficazes.

Se continuo a este ritmo, não tarda estou a ocupar o quarto da Camille Logan na Priory Clinic. Voltarei aonde estava quatro anos antes – perdido, derrotado e sem nada que fazer excepto torturar-me e reviver os meus pesadelos. O que tenho de fazer é pôr as minhas merdas pessoais de lado e ver a Camille Logan como aquilo que é.

Um trabalho. Concentra-te na missão. É isso. É tudo o que tenho.

Tiro o telemóvel do bolso e marco o número da salvação.

– Ia agora mesmo ligar-te – diz a Lucinda, em modo de saudação.

– O trabalho do Logan. Aceito-o.

Estou-me nas tintas para quem é o cliente. Uma mulher, uma criança, uma porra de um macaco. Preciso de trabalhar. Nada poderia ser pior do que isto.

– Ótimo – limita-se ela a responder, como se a coisa não tivesse importância. – Ainda bem que me poupas o trabalho de meter-te na linha a pontapé.

O meu coração começa a acalmar um pouco.

– Alguém tem de o fazer – resmungo

– Onde estás?

– Chelsea.

- Num bar?
- Estou a sair.
- Com?
- Ninguém.

Ri, como se não acreditasse. E é claro que não acredita.

– Vê se dormes bem, Jake. E aparece na Logan Tower amanhã às três. Serão depositadas cem mil libras na tua conta logo de manhã.

Ela desliga e sigo para casa, a minha mente agora concentrada no trabalho que tenho pela frente e só nisso. Sou o melhor na empresa de segurança para que trabalho. Não estou a armar. É um facto puro e simples.

Quem quer garantir que alguém está a salvo, contrata-me. Tenho uma folha limpa. E é assim que tenciono mantê-la.

A minha cabeça está no jogo.